

SEMÂNTICA GRAMATICAL: A SIGNIFICAÇÃO DOS PRONOMES

Nildemir Ferreira de CARVALHO*

RESUMO: O estudo analisa a significação das partículas pronominais entre as quais se incluem os determinantes, os pronomes substantivos e os advérbios pronominais. Para esta análise se adota o critério dos traços contrastivos (Chomsky, 2). Os resultados do trabalho mostram que as categorias semânticas dos pronomes (lato sensu) se associam, de uma forma ou de outra, às noções de DEFINIDADE e PESSOA DO DISCURSO.

UNITERMOS: Significado; traço semântico; dêixis e anáfora; definido; pessoa do discurso.

1. CONCEITOS BÁSICOS

Todo estudo de semântica deve recorrer necessariamente ao conceito de significado, um dos elementos que constituem o signo lingüístico ou palavra. Em linguagem técnica, *signo* é o resultado da associação que o falante-ouvinte faz entre um *significante* (sinal, suporte material seqüência fono-acústica ou representação fonológica) e um *significado* (conceito, idéia ou representação mental de um objeto (ente, ser)), real ou não. Se simbolizarmos signo por S, significante por SE e significado por SO, poderemos exprimir a estrutura do signo da seguinte maneira:

$$(1) \quad S = \frac{SO}{SE}$$

Aplicando este esquema à palavra *lobo*, teremos:

$$(2) \quad \textit{lobo} = \frac{\text{“animal mamífero, carnívoro, selvagem...” (SO)}}{\textit{lobo} \quad \text{(SE)}}$$

onde o denominador contém o significante, indicado através de representação fo-

nológica, e o numerador o significado, expresso sumariamente por meio de uma definição de dicionário.

Um signo pode ser simples ou complexo. É simples ou mínimo quando comporta um único significante e um único significado, não se reduzindo portanto a outros signos menores. O exemplo (2) acima ilustra esse caso. O signo é complexo, se admite decompor-se em outros signos mínimos, também chamados morfemas, cada qual com seu significante e seu significado. É o que ocorre com as formas *lobas*, dotada de três signos mínimos (*lobo + a + s*), e *civilidade*, que se analisa em dois outros (*civil + idade*):

$$(3) \quad \textit{lobas} = \textit{lobo} + a + s$$

$$\{\textit{lobo}\} = \frac{\text{“animal carnívoro, selvagem”}}{/l\acute{o}b\textit{o}/}$$

$$\begin{matrix} + \\ \{-s\} \end{matrix} = \frac{\text{“feminino”}}{/a/}$$

$$\begin{matrix} + \\ \{-s\} \end{matrix} = \frac{\text{“plural” ou “mais de um”}}{/s/}$$

* Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas — Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas — UNESP — 15.100 — São José do Rio Preto — SP.

- (4) *civilidade* = civil + idade
 {civil} = “relativo a cidadão”
 /sivil/
 {+idade} = “qualidade”
 /idâde/

O significado, definido linhas atrás como “a representação mental de um ente qualquer (pessoa, animal, coisa, abstrações), deve ser interpretado como uma *base semântica de cunho genérico*, quando fora de contexto, mas passível de especificar-se numa situação concreta de comunicação. Neste último caso se associam freqüentemente à base semântica genérica vários matizes ou acepções, que pelo uso podem lexicalizar-se, isto é, tornarem-se previsíveis no léxico ou dicionário. Cada matiz ou variante semântica específica que o significado adquire no contexto constitui, então, o que em linguagem técnica se denomina *sentido* (so). Sirva de exemplo a palavra *pé*, provida do significado ou base semântica genérica que se indica abaixo:

- (5) pé = “extremidade inferior de um ser”, “base”
 /pé/

Se levarmos em conta estas suas ocorrências contextuais,

- (6) (i) Você machucou o pé.
 (ii) Sua história não tem pé.
 (iii) Esse rio não dá pé.
 (iv) Os soldados acamparam ao pé do morro.
 (v) Deu um pé-de-vento, que me assustou.

Verificaremos que apresenta, entre outros sentidos, os que vão esquematizados a seguir:

- (7)
- pé = “extremidade inferior”
 /pé/
- (i) “extremidade inferior do corpo humano”
 - (ii) “base, fundamento”
 - (iii) “fundo da água”
 - (iv) “base de uma elevação”
 - (v) “lufada”

Ainda alguns esclarecimentos se fazem necessários sobre o modo de expressão do significado de um signo linguístico. Podemos indicá-lo de duas formas:

através de uma definição de dicionário ou por meio de traços ou categorias semânticas (também chamados às vezes de *semas*). Se focalizarmos o significado da palavra *paletó*, a sua definição assumirá a configuração que temos mostrado nos exemplos anteriores (preenche o numerador, é expresso entre aspas):

- (8)
- paletó = “peça do vestuário masculino que se sobrepõe à camisa”
 /paletó/

A concepção do significado em traços semânticos implica categorias sintático-semânticas *hierarquizadas*, que dão a *estrutura* desse significado. Tal estrutura comporta vários níveis, dispostos verticalmente de cima para baixo a partir do significante, indicado entre barras (Cf. Katz & Fodor, 5):

- (9)
- | | | |
|-----------|--|---|
| / | | / |
| Nível I | TRAÇO SINTÁTICO DE CLASSE (INDICADOR SINTÁTICO) | |
| Nível II | TRAÇOS SEMÂNTICOS GERAIS DE CLASSE (CLASSIFICADORES SEMÂNTICOS) | |
| Nível III | TRAÇOS SEMÂNTICOS ESPECÍFICOS (DIFERENCIADORES SEMÂNTICOS) | |
| Nível IV | RESTRIÇÕES SELETIVAS (CONDIÇÕES DE EMPREGO, CONTEXTOS PROIBITIVOS) | |

A inclusão do nível I numa análise semântica, dizer se a palavra é substantivo ou nome (N), adjetivo (A) ou verbo (V), justifica-se pelo fato de que a classe de uma palavra tende a condicionar o seu significado. Assim, os nomes geralmente designam “objetos”, os adjetivos “propriedades” ou “qualidades” desses objetos, os verbos “ações” ou comportamentos” dos mesmos objetos. O nível II se refere a traços semânticos que valem positiva ou negativamente para todos os membros de uma classe de palavras, isto é, qualificam uma determinada palavra em relação à sua classe. Para a classe dos nomes ou substantivos estes traços semânticos gerais poderão ser: COMUM, CONTÁVEL, ABSTRATO, COLETIVO, ANIMADO, HUMANO, MACHO, entre os mais importantes.* Quanto ao nível III, compreende traços semânticos que distinguem o significado de uma palavra (ou de um grupo pequeno de palavras relacionadas) dos significados das demais palavras da classe a que ela pertence. Já o nível IV manda assinalar os contextos que o significado da palavra *não* pode integrar.

A indicação dos traços semânticos exposta acima obedece a dois critérios. O primeiro diz respeito à *teoria dos traços contrastivos*, introduzida por Chomsky (2, p. 79 ss.) e que se inspira na teoria dos traços fonológicos binários de Jakobson *et alii* (4). Consiste em marcar uma categoria semântica (v.g. COMUM) com os sinais *mais* (+) ou *menos* (-), de acordo com a presença ou ausência da referida propriedade semântica no significado da palavra (no exemplo, + COMUM ou - COMUM). O outro critério, proposto por Gruber (3, p. 233 ss), manda especificar apenas as categorias semânticas que a palavra efetivamente possuir, deixando-se de lado os valores negativos que contrastam. No caso do traço semântico COMUM acima, ficará indicado simplesmente COMUM, se a palavra for dele dotada positivamente; ou nada se consignará, se for ausente.** Esses esclarecimentos nos permitem agora analisar o significado da palavra *paletó* (8) em termos de categorias ou traços semânticos, com base nos dois critérios alternativos acima.

Estrutura do Significado de <i>paletó</i>		
	Traços Contrastivos	Traços especificatórios
I	/paletó/ + N	/paletó/ N
II	+ Comum + Contável - Coletivo - Animado	Comum Contável
III	+ Vestuário + De tecido + Sobreposto + Lavável + Para homens	Vestuário De tecido Sobreposto Lavável Para homens
IV	RS ₁ Não pode ser sujeito de verbos de comunicação (como <i>dizer</i> , <i>exclamar</i> etc.) RS ₂ Não pode ser sujeito de verbos que indicam vozes de animais (como <i>latir</i> , <i>urrar</i> , etc.)	

* Sobre a aplicação dessas categorias semânticas à análise dos nomes, ver Carvalho (1).

** No trabalho mencionado em (*), também adoto o critério de Gruber.

Sobre a decisão de qual critério adotar, tudo vai depender da natureza dos dados em estudo. O 2.º critério, o dos traços especificatórios, parece mais adequado para a análise de dados semânticos. Por outro lado, exige que se tenha uma visão muito clara da *hierarquia* dos traços semânticos descobertos pela análise. Além disso, sua aplicação demandaria uma exposição minuciosa sobre a complexa teoria que lhe serve de base (a teoria transformacional tal como é vista por Gruber (3), o que se procurará evitar neste sucinto relato de uma pesquisa.*

Termo que comumente se confunde com os de significado e sentido é o de *significação* (“ato de significar”). A rigor, significação se refere ao processo que associa significante e significado. O signo se constitui de tal forma, que o falante, ao evocar um significado (uma representação mental) qualquer, lembra-se imediatamente do significante que lhe corresponde. Em sentido inverso, quando o ouvinte percebe que alguém pronuncia uma palavra (um significante), de pronto evoca o significado relativo a essa pronúncia. Essa biunivocidade dinâmica do signo corresponde então ao que em linguagem mais precisa se denomina significação.

Em termos mais práticos (entre o povo, os gramáticos e até entre os linguistas), muitas vezes se usa significação como sinônimo de significado ou de sentido. Um emprego também não muito raro interpreta significação com uma acepção mais abrangente, que domina as anteriores: “o modo como os signos significam”. Esta é a acepção que mais se encontrará aqui (v.g. “a significação dos pronomes”).

Há palavras cuja significação principal evoca o universo real ou mundo bio-social ou ainda mundo extralingüístico (em oposição ao mundo intralingüístico ou gramatical). Assim acontece com os nomes (que designam “objetos” real ou ficticiamente existentes no universo), com

os adjetivos (que indicam “qualidades” desses objetos) e com os verbos (que traduzem ações, processos, comportamentos desses mesmos objetos). Neste caso, a significação se diz *lexical*. Assim, lexical sempre se referirá ao conteúdo ligado ao mundo bio-social ou externo.

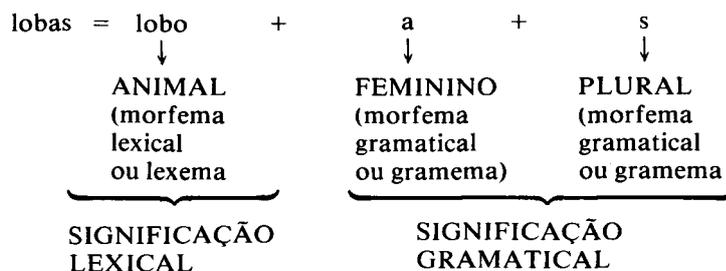
Outras palavras são dotadas de uma significação que lembra, não os objetos em si, mas “funções” desses objetos no universo da comunicação ou mundo intralingüístico (v.g. pessoa, tempo, espaço). Também podem se reportar a mecanismos de funcionamento da língua (gênero, número, concordância, regência etc.). Assim ocorre aos artigos, pronomes e advérbios de natureza pronominal (que indicam funções do discurso), às preposições e conjunções (que implicam relações sintático-semânticas básicas). A significação neste último caso se denomina *gramatical* ou interna.

Em muitas ocorrências, quando o signo é complexo, pode apresentar os dois tipos de significação (lexical e gramatical). No exemplo analisado em (3), vimos que *lobas* se decompõe em três signos mínimos ou morfemas (lobo + a + s), cada um dotado de significante e significado. O primeiro morfema, *lobo*, contém uma significação que se refere ao mundo bio-social ou extralingüístico, pois evoca um animal existente no mundo real. O morfema em causa, dotado de significação lexical, se dirá por isso *morfema lexical* ou, simplesmente, *lexema*. Já o 2.º morfema, — *a*, assinala o gênero “feminino” (cuja interpretação semântica é a de “fêmea”). Tal gênero desencadeará no contexto onde aparecer o fenômeno da concordância de gênero (afetará os modificadores de lobas). Por essa razão se afirma que o morfema — *a* comporta uma significação gramatical. Em outras palavras: é um *morfema gramatical* (ou gramema). Finalmente, o terceiro morfema da forma *lobas* (-s), traduz a noção de número “plural”, o que o caracteriza tam-

* Em Carvalho (1) aplica-se com minúcia a teoria de Gruber.

bém como dotado de uma significação gramatical. Trata-se, pois, de um morfema gramatical, por se referir a um mecanismo de funcionamento da língua. Assim, em resumo temos:

(11)



Termos que às vezes se confunde com o de significado é o de *referência*, que comporta duas acepções principais. Na primeira, referência diz respeito à relação que existe entre um signo (palavra) e o objeto real que ele representa (referente). Assim ocorre à palavra *automóvel*, que tem um significado ou representação mental (“veículo movido a motor...”) e um objeto ou referente a que ele corresponde no plano real. Já o mesmo não se pode dizer de *saci*, personagem do folclore brasileiro. Esta palavra é provida de significado, de uma representação mental (“moleque de uma perna só, com carapuça, sobre o qual se afirma ser responsável por travessuras, diabruras...”) mas não tem referência, porque não corresponde a nada no plano real.

O outro sentido de referência a coloca no plano da comunicação. De acordo com esta segunda acepção, referência é a capacidade que o signo (a palavra) tem de evocar um objeto no universo da comunicação. Assim a palavra *saci*, que não tem referência no plano real, poderá obtê-la desde que atualizada numa situação de comunicação qualquer (por exemplo, no livro de Monteiro Lobato — *Caçadas de Pedrinho*). Também conforme esta segunda acepção de referência, a palavra *automóvel* só ganha referência se empre-

gada num fragmento de comunicação. Como na língua o que importa é a comunicação, este último sentido de referência prevalece sobre o outro.

Costuma-se distinguir entre referên-

cia simbólica (ou nocional) e mostrativa (ou indicial). Certas palavras contêm uma referência (no primeiro sentido) que evoca objetos do mundo real (nomes), suas qualidades (adjetivos) e suas ações ou comportamentos (verbos). Então se diz que estas palavras têm uma referência simbólica ou nocional. Outras palavras apenas “indicam” funções desses objetos no universo da comunicação. É o que acontece aos pronomes e advérbios pronominais, que são por isso dotados de uma referência mostrativa: apontam objetos sem conceituá-los:

- (10) (i) *Eu* sou esperto.
 (ii) *Isto* é caro.
 (iii) *Aqui* é frio.

O normal é cada referente ser expresso por um signo linguístico. Assim, na frase abaixo, o referente “GATO” é evocado pelo nome *gato*:

- (11) O *gato* entrou na sala doente.

Pode acontecer em outras circunstâncias que o mesmo referente seja evocado por dois ou mais signos no contexto (tenha mais de uma referência). É o fenômeno que se denomina CO-REFERÊNCIA, visto na frase ampliada abaixo:

(12) *O gato* entrou doente na sala mas ninguém *o* socorreu.

onde o referente GATO vem expresso duas vezes (pelo sintagma nominal *o gato* e pelo pronome *o*).

Ainda sobre referência cabe um esclarecimento. Com o intuito de unificar os conceitos de significado e referência, dada a sua semelhança (representação mental do objeto fora do contexto e dentro do contexto, respectivamente), há autores que chamam ao primeiro *referência virtual* e ao segundo *referência atual* (Cf. Milner 6, p. 26).

Finalmente, para encerrar esta série de conceitos, devemos recapitular o conceito de *semântica gramatical*. Sua ocupação básica se volta para a significação gramatical, apresentada linhas atrás. Assim estuda a significação de certas classes de palavras; cuja função precípua é a de situar conceitos sobre os objetos no universo da comunicação (pronomes, preposições, conjunções). Além disso, procura fazer a interpretação semântica dos mecanismos gramaticais (gênero, número, modo, tempo) e dos fenômenos sintáticos (concordância, colocação). Também pertence à sua esfera de interesse a análise dos traços semânticos de classe (nível II da estrutura do significado, que aparece em (9)).

2. A NATUREZA SEMÂNTICA DOS PRONOMES

Levando-se em conta a natureza de sua significação, os pronomes podem considerar-se como *signos de comunicação* por excelência. Esse papel decorre do fato de que as partículas pronominais situam os *conceitos materiais* do nome, adjetivo e verbo no universo da comunicação (numa situação de comunicação). Nos itens subseqüentes desenvolveremos esse importante aspecto ligado à significação dos pronomes.

2.1. Campos de significação das palavras

As palavras da língua portuguesa se distribuem em três campos de significação, de acordo com o tipo de referência que exprimem: simbólico ou nocional, relacional e mostrativo.

O *campo simbólico* compreende as classes de palavras cuja significação diz respeito ao mundo dos objetos, ao mundo extra-lingüístico. Isto é, abrange classes de palavras de significação lexical: nomes ou substantivos (que designam “objetos” do mundo bio-social), adjetivos (que exprimem propriedades ou qualidades desses objetos do mundo bio-social), verbos (que nomeiam ações, comportamentos dos objetos do mundo bio-social) e advérbios nocionais (exprimem o “modo” como os objetos agem: derivam de adjetivos). Em suma, o primeiro campo de significação das palavras é constituído de referência simbólica ou nocional e se esquetiza assim:

(13) Campo simbólico ou nocional

Nomes Adjetivos Verbos Advérbios Nocionais

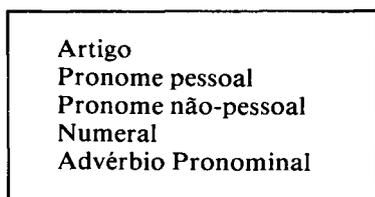
O *campo relacional* abarca as classes de palavras cuja significação envolve “categorias semânticas gerais” da língua (espaço, tempo e outras noções), sem vínculo direto com a comunicação, assim como “relações semântico-sintáticas” e “argumentos”. As classes de palavras que o constituem são: as preposições (exprimem categorias semânticas gerais e relações semântico-sintáticas) e as conjunções (introduzem argumentos). Esquetizando esse campo, teremos:

(14) Campo relacional

Preposições Conjunções

O terceiro e último campo — o *mostrativo* — abrange classes de palavras cujo papel semântico básico é o de situar ou inserir os conceitos do primeiro campo (simbólico) no universo da comunicação. Como as palavras deste campo apontam, assinalam, indicam as PESSOAS DO DISCURSO ou noções relacionadas com elas, levam a designação de “mostrativas”. Formam o campo mostrativo as seguintes classes de palavras: o artigo (que exprime identificação de objetos em relação às pessoas do discurso), o pronome pessoal (que indica as pessoas do discurso), o pronome não-pessoal (que exprime diversas noções em relação com as pessoas do discurso), o numeral (que traduz quantificação precisa de objetos do universo da comunicação) e o advérbio pronominal (que implica as noções de espaço e tempo relativas às pessoas do discurso). Como resumo, poderíamos representar o campo mostrativo pela configuração que se vê a seguir:

(15) Campo mostrativo



2.2. *Dêixis e Anáfora*

As partículas pronominais (os signos que compõem o campo mostrativo acima) apresentam dois tipos de referência aparentados: dêixis e anáfora.

Entende-se por dêixis (“ato de apontar, mostrar”, no grego) a relação entre um signo de natureza pronominal e determinada *função do discurso* (isto é, função de uma situação de comunicação). As principais funções do discurso giram em torno da noção de PESSOA: interlocutor (falante/ouvinte), espaço do discurso e tempo do discurso, entre outras funções. Assim, dizemos que o pronome pessoal *eu* é dêitico

(16) *Eu torci pela vitória do Brasil.*

porque indica numa situação concreta de comunicação o “falante” ou “emissor” (1.^a pessoa do discurso). Da mesma forma, afirmamos que o determinante *esse* se analisa como dêitico nesta frase:

(17) *Você matou essa cobra?*

em virtude de apontar em certo discurso um animal (“cobra”) relacionado com o “ouvinte” ou “receptor” (2.^a pessoa do discurso). Igualmente, o advérbio pronominal *ali* se interpreta como dêitico no contexto abaixo:

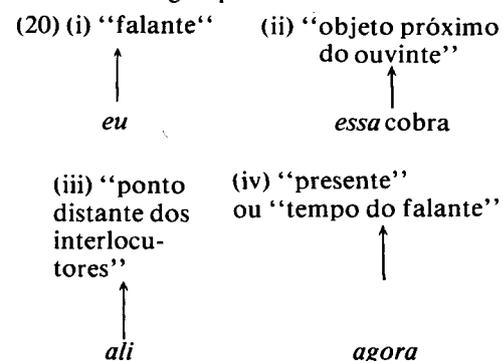
(18) *A luta se travou ali.*

por exprimir na conversa um ponto do espaço distante dos interlocutores. Já o advérbio pronominal *agora* se define como dêitico neste exemplo:

(19) *Agora* estou lendo o meu livro predileto.

porquanto indica um momento vinculado ao falante (presente da enunciação).

Todas essas relações dêiticas podem ser expressas através de um esquema em forma de reta ou seta vertical, em que a extremidade superior indica o referente, e a inferior o signo pronominal dêitico:



Diferentemente da dêixis, na anáfora o signo pronominal se reporta a um referente do discurso através de um *sintagma pleno* ou *antedecedente pleno* pré-mencionado no mesmo contexto lingüísti-

co em que ele, signo pronominal, comparece. Por sintagma pleno se entende um constituinte complexo da frase que tem "núcleo nocional" (nome, adjetivo ou verbo). Na frase abaixo:

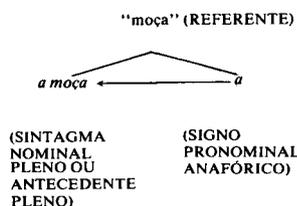
(21) O cão atacou *a moça*, mas ninguém *a* socorreu.

o pronome pessoal de 3.^a pessoa *a* funciona como anafórico, porque não indica diretamente o referente "moça", mas sim através do sintagma nominal ou antecedente pleno *a moça* (que tem núcleo nominal). É a mesma coisa que dizer que o signo pronominal *a* retoma o sintagma nominal pleno *a moça* e ambos exprimem o mesmo referente "moça" em certa situação de discurso.

Trata-se portanto de uma relação de *co-referência*, conceito já definido na primeira parte deste trabalho: consiste no fenômeno semântico em que o mesmo referente (a mesma pessoa, o mesmo animal, o mesmo objeto do discurso) vem designado por dois ou mais signos (duas ou mais expressões lingüísticas).

Assim, a anáfora se manifesta como uma relação obrigatória de co-referência. A sua formalização segue como modelo a configuração proposta para o exemplo (21), em que se toma por base o esquema da dêixis e onde se vê a ramificação determinada pela co-referência:

(22)



Outra possibilidade de anáfora é aquela em que um pronome demonstrativo anafórico se associa a um antecedente pleno de natureza adjetiva (sintagma adjetivo), como se observa no diálogo seguinte

(23) — Seu irmão é muito doente?

— Sim, ele *o* é (— Ele é *isso*)

onde o pronome demonstrativo anafórico *o* retoma o sintagma adjetivo pleno *muito doente*. Esquemmatizando, ficará:

(24)



Em outras ocorrências ainda poderá acontecer que o antecedente pleno seja uma oração (sintagma pleno de núcleo verbal). É o caso desta frase:

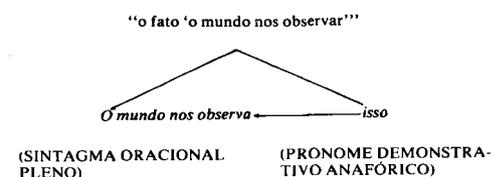
(25) *O mundo nos observa*, e *isso* você não pode evitar.

em que o pronome demonstrativo *isso* reitera a oração "o mundo nos observa" mencionada anteriormente, evitando a sua repetição pura e simples na posição de objeto direto:

(26) O mundo nos observa, e você não pode evitar *que o mundo nos observe*.

A frase (25) assume a configuração anafórica seguinte:

(27)



De modo geral, constata-se que os pronomes pessoais de 1.^a e 2.^a pessoa (que indicam os interlocutores do discurso) são necessariamente dêiticos. Já os

pronomes de 3.^a pessoa (que representam o assunto do discurso) assumem obrigatoriamente valor anafórico. Quanto aos pronomes demonstrativos e aos advérbios pronominais, têm valor ambíguo: são dêiticos ou anafóricos, de acordo com o contexto. Mas prevalece para eles a função dêitica. Por outro lado, certos pronomes (os indefinidos, por exemplo) aparecem como indiferentes à noção de dêixis ou de anáfora.

2.3. *Categorias semânticas dos pronomes*

A decomposição do significado das partículas pronominais nos revela categorias ou traços semânticos vinculados ao processo de *atualização*. Este consiste em colocar os conceitos simbólicos ou nocionais (do nome, adjetivo e verbo) sob a perspectiva do discurso (de uma situação concreta de comunicação).

Essas categorias semânticas pronominais formam basicamente uma lista pequena, que se poderia ordenar assim:

(28)

TRAÇOS SEMÂNTICOS DAS
PARTÍCULAS PRONOMINAIS

- (i) PESSOA
- (ii) DEFINIDADE
- (iii) ESPAÇO
- (iv) TEMPO
- (v) QUANTIFICAÇÃO
- (vi) PESSOALIDADE

A categoria semântica PESSOA diz respeito aos “interlocutores do discurso (falante ou 1.^a pessoa/ouvinte ou 2.^a pessoa). Para contraste com eles, também abrange o assunto do discurso” ou o(s) objeto(s) sobre o(s) qual(is) os interlocutores conversam (3.^a pessoa). Tem função central, em virtude de condicionar os demais traços semânticos, como se evidenciará a seguir.

A característica semântica DEFINIDADE por sua vez implica a “identificação de objetos do discurso” por parte dos interlocutores. Se o falante pressupõe que o ouvinte sabe(rá) identificar o objeto de que falam, ele usa(rá) uma partícula pronominal definida (o artigo definido, por

exemplo, ou então o pronome demonstrativo, etc.). Em caso contrário, empregará uma partícula indefinida (o artigo indefinido ou o pronome indefinido).

A noção de ESPAÇO não significa simplesmente qualquer espaço, mas aquele vinculado ao discurso, isto é, aos interlocutores. Tanto pode referir-se às *posições* (relações) de proximidade/distância entre objetos e interlocutores, quanto a *pontos* ou locais do espaço ocupados pelos interlocutores ou pelos objetos em relação aos interlocutores. No primeiro caso, a noção espacial se especifica como DEMONSTRATIVO e se manifesta por meio das partículas pronominais ditas demonstrativas. No 2.^o caso, assume a especificação LOCATIVO, que caracteriza os chamados advérbios de lugar.

O TEMPO pronominal (tempo do discurso) representa uma categoria semântica que se refere aos “momentos” em que um fato pode ocorrer, tomando-se como base o tempo da enunciação ou tempo do falante (presente ou momento em que o falante enuncia a frase). Um fato pode acontecer durante a enunciação (presente), antes dela (passado ou pretérito) ou depois dela (futuro). Essas noções temporais são, via de regra, indicadas pelos advérbios de tempo: v.g. *agora* (presente), antes, *outrora* (passado) e *depois* (futuro, posterioridade).

O traço semântico temporal também pode abranger a idéia de “ordem ou sucessão no tempo” (anterioridade/posterioridade).

É o que ocorre com o advérbio *depois* neste exemplo:

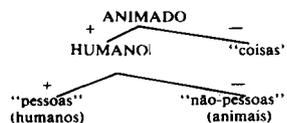
(29) Andei, andei, *depois* parei.

A propriedade semântica QUANTIFICAÇÃO diz respeito à distribuição dos objetos do discurso em termos conjuntivos (concepção dos interlocutores). Implica as subnoções de “elemento” (artigo indefinido), subconjunto com a idéia de “um-ou-mais de um” (pronome indefinido), subconjunto com a idéia de “mais-de-um” (pronome indefinido) e conjunto

(artigo definido/pronome indefinido). Quando está em jogo a noção de “subconjunto”, a categoria genérica “quantificação” se especifica no traço PARTITIVO (que é o indicador de subconjunto).

A categoria semântica PESSOALIDADE ou PESSOAL não deve confundir-se com a de pessoa do discurso (interlocutores) nem com as de “animado” e “humano”. O traço “animado” é próprio dos nomes e se refere aos seres animados (pessoas e animais), em oposição aos inanimados (coisas). Os seres animados se dividem por sua vez em humanos (pessoas) e não-humanos (animais). Isto é o que exprime o esquema abaixo:

(30)



O traço PESSOALIDADE concebe diferentemente os seres do universo do discurso. Pressupõe dois grupos em que, de um lado, se têm as *pessoas* (os seres humanos ou aqueles concebidos como tais) e, de outro, as *não-pessoas* (animais e coisas). Obedece ao esquema que se vê adiante:

(31)



O traço PESSOAL se mostra utilíssimo, quando se trata de distinguir certas parênteses pronominais, como *alguém*/algo, quem/o que etc.

Além dessas categorias semânticas que acabamos de introduzir (de caráter mais genérico), outras existem de natureza específica ou de ocorrência eventual. São as que implicam INTERROGAÇÃO (própria dos pronomes interrogativos), POSSE (a relação possuidor/possuido

dos pronomes possessivos), REFLEXIVIDADE (atividade/passividade) e NEGAÇÃO (que se aplica a certas partículas pronominais, como *ninguém*, negativo de *alguém* etc.).

Também não se deve pôr de lado, na caracterização semântica dos pronomes, certos traços sintáticos que tendem a condicionar o significado dessas partículas: a FUNÇÃO SINTÁTICA, (O GÊNERO), O NÚMERO. Só para ilustrar a implicação semântica das categorias sintáticas acima, mencionamos o fato de que a noção “sujeito de” envolve a noção semântica “agente de”, a idéia de “plural” associa o significado “mais de um”.

3. ANÁLISE SEMÂNTICA DOS PRONOMES

Antes de proceder à caracterização semântica específica das partículas pronominais, tentaremos na primeira parte desta seção justificar a sua distribuição em subgrupos, de acordo com o papel sintagmático de cada uma. Ficará evidente, no desenvolvimento do presente item, que a incidência das categorias semânticas no significado das partículas pronominais variará conforme o subgrupo sintagmático a que cada qual pertença.

3.1. As subclasses de pronomes (sob o ponto de vista sintagmático)

O papel sintagmático das partículas pronominais permite dividi-las em três subgrupos que precisamos conhecer: determinantes (Det), pronomes substantivos (Pron) e advérbios pronominais (APron).

A função básica do *determinante* é modificar um nome ou substantivo (N), “atualizando” o seu conceito (isto é, situando o seu conceito no universo da comunicação). Por isso o Det sempre acompanha o nome na cadeia sintagmática da frase, e o pressupõe mesmo quando o referido nome vem implícito.

A seqüência Det + N forma o chamado *sintagma nominal* (SN), um consti-

tuínte básico da frase. Exemplos de sintagmas nominais são os que vêm sublinhados abaixo:

- (32) (i) *O vento* assobia.
(ii) Você percebe *este vento*?
(iii) *Um vento* balança as folhas.
(iv) Hoje deverá soprar *algum vento*.
(v) *Que vento* agita as cortinas?
(vi) *Seu vento* virou furacão.
(vii) *Dois ventos* bastam por hoje.
(viii) A região *cujos ventos* refrescam fica bem ao sul.

Do exemplos acima se infere que os determinantes abrangem as seguintes classes de palavras da gramática normativa usual: artigo, numeral e pronome adjetivo (demonstrativo, possessivo, indefinido, interrogativo e o relativo *cujo*). Advirta-se que entre os determinantes não figuram os adjetivos, palavras que podem modificar o substantivo mas não desprovidas da “função atualizadora” típica de um Det (apenas o especificam semanticamente).

O *pronome substantivo* é uma partícula que ocupa a casa estrutural de sintagmas inteiros, aparecendo sozinho (sem substantivo) e assumindo a função sintática por eles exercida. Assim é que o pronome substantivo pode preencher o lugar de um *sintagma nominal* (sujeito, objeto direto, predicativo etc.), de um *sintagma nominal* precedido de preposição ou *sintagma preposicional* (objeto indireto, adjunto adverbial etc.), de um *sintagma adjetivo* ou de um *sintagma oracional* (oração). Na parêntese de frases que se seguem:

- (33) (i) *O canário* canta bonito.
(ii) *Ele* ↓ canta bonito.

o pronome substantivo (pessoal) *ele* toma o lugar do sintagma nominal sujeito (SN₁ *o canário* da frase (i), assumindo como este a função de sujeito na frase (ii). Neste outro exemplo:

- (34) (i) A empregada devolveu o anel *para a patroa*.
↓
(ii) A empregada *lhe* devolveu o anel.

O pronome substantivo (pessoal) *lhe* da frase transformada (ii) preenche a casa estrutural do sintagma preposicional objeto indireto *para a patroa*, pertencente à frase inicial (i).

Por esta terceira ocorrência

- (35) (i) — Sua irmã parece *muito orgulhosa*.
↓
(ii) — Minha irmã efetivamente *o* é.

percebemos que o pronome substantivo (demonstrativo) *o* assume na frase transformada (ii) o “espaço” destinado ao sintagma adjetivo predicativo *muito orgulhosa* da frase inicial (i). O mesmo fenômeno se dá no conjunto de frases que segue:

- (36) (i) Você me denunciou à polícia, e eu não *lhe* perdôo *o* *denunciado à polícia*.
↓
(ii) Você me denunciou à polícia, e *isso* eu não *lhe* perdôo.

onde o pronome substantivo (demonstrativo) *isso*, do subconjunto transformado (ii), ocupa a posição de objeto direto *antes* ocupada pela oração substantiva objetiva direta (sintagma oracional) *o denunciado à polícia*, que aparece no subconjunto (i).

Os pronomes substantivos compreendem tradicionalmente dois grupos: pessoais e não-pessoais (demonstrativos, indefinidos, interrogativos e relativos).

A 3.^a subclasse de partículas pronominais — os *advérbios pronominais* — corresponde a pronomes substantivos que têm por função específica preencher a casa estrutural de sintagmas preposicionais com o papel sintático de adjunto adverbial. É o que se infere das frases seguintes:

(37) (i) Eu moro *neste prédio*.

↓

(ii) Eu moro *aqui*.

ocorrência em que o advérbio pronominal de lugar *aqui* assume o papel de sintagma preposicional (adjunto adverbial de lugar) *neste prédio* da frase inicial.

Entre os advérbios pronominais se incluem os de “lugar”, os de “tempo” e os advérbios de “modo” *assim* e *como*.

3.2. A significação dos determinantes

Para encontrar os traços semânticos que caracterizam a significação dos determinantes, consideremos o conjunto de frases abaixo:

(38) (i) *O poeta* redigiu a carta.

(ii) *Um poeta* redigiu a carta.

(iii) *Este* (esse/aquele) *poeta* redigiu a carta.

(iv) *Algum poeta* redigiu a carta.

(v) *Que* (qual) *poeta* redigiu a carta?

(vi) O rei *cuja carta* o poeta redigiu desapareceu para sempre.

O conjunto acima envolve o uso contrastivo de determinantes cujo alcance vamos analisar agora. Na frase (i), o artigo definido *o* (em *o poeta*) indica tratar-se de um POETA identificado pelos interlocutores. Implica ainda mais a idéia de ser único, específico (conjunto unitário), na situação de comunicação em causa. Já na frase (ii), o artigo indefinido *um* (em *um poeta*) sugere um ser não-identificado pelos interlocutores (ou ao menos pelo ouvinte). Indica também a noção de um elemento qualquer de um conjunto numeroso não-especificado (Isto, no singular).

Na frase (iii), a série demonstrativa *este/esse/aquele* (em *este* (esse/aquele poeta)) indica haver em jogo, além da identificação do ente POETA pelos interlocutores, certa orientação espacial (posições do espaço em relação às pessoas do discurso), o que se exprime pelo traço DEMONSTRATIVO. Enquanto *este* e *esse*

denotam a proximidade (a familiaridade) do objeto ou ente POETA com os interlocutores, *aquele* sugere distância. Por outro lado, na frase (iv), o indefinido *algum* (em *algum poeta*) agrava a falta de identificação do objeto com a noção ambígua “um-ou-mais” (subconjunto não-identificado) de um conjunto maior não-especificado.

Na frase (v), os interrogativos *que/qual* envolvem igualmente a não-identificação do objeto pelos interlocutores. Na verdade, o determinante interrogativo é equivalente do indefinido *algum*, pois aceita desdobrar-se em QU + ALGUM. Assim traz em seu significado a idéia de subconjunto ambíguo (“um-ou-mais”), e ainda a noção específica de INTERROGATIVO. Quanto ao determinante relativo *cujo* (em *cuja carta*), Da frase (vi), observa-se que retoma um antecedente já identificado (REI). Assim, pressupõe o traço DEFINIDO e o traço DEMONSTRATIVO (orientação espacial para o antecedente).

Com base nos dados levantados nessa análise, torna-se possível apontar os traços semânticos que caracterizam os determinantes:

(39) (i) DEFINIDO (“identificação dos objetos da comunicação pelos interlocutores”)

(ii) DEMONSTRATIVO (“orientação espacial” em relação, via de regra, com as pessoas do discurso)

(iii) PROXIMIDADE (“posição perto ou não dos interlocutores”)

(iv) PARTITIVO (distribuição ou não dos objetos do discurso em subconjuntos)

(v) TRAÇOS ESPECÍFICOS:

{ INTERROGATIVO
RELATIVO
(E mais: POSSE, NEGATIVO, não incluídos na análise acima)

Podemos agora construir as *matrizes de traços semânticos* de cada série de determinantes. Para esse fim adotaremos o critério de traços contrastivos mencionado na primeira parte deste trabalho. Lembremos que os traços semânticos supra são hierarquizados, isto é, uns traços dependem de outros ou são especificações de outros. É o que se exprime abaixo para os traços que acabamos de indicar:

- (40) (i) [+ definido] → [± demonstrativo]
 (ii) [+ demonstrativo] [± próximo]
 (iii) [- definido] → [± partitivo]

onde se lê a seta como “especifica-se em”.

A seguir daremos as matrizes de traços semânticos. A elas adicionaremos os traços sintáticos de gênero e número para melhor caracterização dos determinantes.

SÉRIE DEFINIDA

(41)

<i>o</i>	<i>este</i>	<i>esse</i>	<i>aquele</i>
+ Det + Def - Dem ± Masc ± Plur	+ Det + Def + Dem + Próx. I ± Masc ± Plur	+ Det + Def + Dem + Próx. II ± Masc ± Plur	+ Det + Def + Dem - Próx ± Masc ± Plur

(42)

SÉRIE INDEFINIDA

<i>um</i>	<i>algum</i>	<i>nenhum</i>	<i>todo</i>
+ Det - Def ± Part ± Masc ± Plur	+ Det - Def + Part ± Masc ± Plur	+ Det - Def + Part + Neg ± Masc ± Plur	+ Det - Def - Part ± Masc ± Plur

(43) SÉRIE INTERROGATIVA

<i>que?</i>	<i>qual</i>
+ Det - Def + Part + Inter	+ Det - Def + Part + Inter ± Plur

(44) SÉRIE RELATIVA

<i>cujo</i>
+ Det + Def + Dem - Próx + Posse + Rel ± Rel ± Masc ± Plur

Nada falamos do Det Possessivo e do Det Numeral, que praticamente só apresentam traços específicos. São indiferentes ao traço DEFINIDO (combinam-se com as séries definida e indefinida). O possessivo é provido do traço POSSE (da 1.^a, 2.^a ou 3.^a pessoas), o numeral do traço ± partitivo (indica quantificação determinada).

3.3. A significação dos pronomes pessoais

Os pronomes pessoais compreendem séries complexas que se organizam tomando como pontos de referência duas noções de diversa natureza: a categoria semântica PESSOA e a categoria não-semântica FUNÇÃO SINTÁTICA.

A noção primordial de pessoa divide-se em três séries: a série do *falante* ou 1.^a pessoa (eu/nós/...), a do *ouvinte* ou 2.^a pessoa (tu/vós/... ou você/vocês...) e do *assunto* (ele/eles...). Em cada série dessas a função sintática cria dois novos subgrupos: o dos pronomes do *caso reto*, que preenchem a função de sintagma nominal

(sujeito (eu/nós, tu/vós, você/vocês, ele/eles) e o dos pronomes do *caso oblíquo*, que assumem a função de sintagma nominal objeto direto ou de sintagma preposicional objeto indireto / adjunto adverbial (me/nos, te/vos, o/os, lhe/lhes...).

Dentro da série oblíqua temos ainda uma subdivisão com base na tonicidade e no contexto sintagmático: pronomes oblíquos *átonos* (como me/nos/...), que dependem do acento tônico do verbo e excluem a preposição; pronomes oblíquos *tônicos*, que têm tonicidade própria e são precedidos de preposição (de mim/de nós etc.) Ainda nessa linha de esclarecimento, observa-se que os pronomes do caso oblíquo átono de 2.^a pessoa (tratamento "você") coincidem em forma com os correspondentes da 3.^a pessoa (tratamento "ele"). Quando necessário, nós os distinguiremos pelo índice sotoposto 2 (2.^a pessoa) e 3 (3.^a pessoa).

O quadro que se segue resume às considerações que acabamos de fazer sobre os pronomes pessoais:

(45)

PRONOMES PESSOAIS (na NORMA-PADRÃO)

Pessoa Função Sintática	I (falante)		II (ouvinte)		III (assunto)
	+ Sujeito (+ SN ₁)	eu ----- nós	tu ----- vós	você	
+ Obj. Direto (+ SN ₂)	—		—		o
± Obj. Direto ± SN ₂	me ----- nos	te ----- vos	se		
- Obj. Direto (± SP ₁)	(...)mim (co)migo ----- (...)nós (co)nosco	(...)ti (con)tigo ----- (...)vós (con)vosco	lhe (...)si (con)sigo		(...)você (...)ele

Além do traço semântico PESSOA, os pronomes pessoais são providos de duas outras categorias semânticas importantes: DEFINIDADE e PESSOAL(IDADE). Por princípio, como os pronomes pessoais designam os próprios interlocutores (falante/ouvinte) ou os objetos dos quais eles falam (assunto), admite-se que sejam todos dotados do traço definido (isto é, refiram-se a seres identificados). Sob outro ângulo, os pronomes pessoais de 1.^a e 2.^a pessoas envolvem a função de “interlocutor”, papel que só os seres humanos ou personificados podem assumir.

Implicam por essa razão o traço PESSOAL positivo (+ Pessoal). Por outro, os pronomes de 3.^a pessoa tanto se referem a humanos, quanto a não-humanos. Levarão, assim, o traço complexo ± Pessoal.

Com base em tais ponderações, faremos, a título de exemplo, as matrizes de traços da série pronominal do falante. A elas acrescentaremos os traços de FUNÇÃO SINTÁTICA e NÚMERO, que dão forma acabada ao complexo de traços. A noção de pessoa é indicada por algarismos romanos:

(46)

SÉRIE DO FALANTE

<p><i>eu</i></p> <table border="1" style="margin: auto;"> <tr><td>+ Pron</td></tr> <tr><td>I</td></tr> <tr><td>+ Def</td></tr> <tr><td>- Dem</td></tr> <tr><td>+ Pessoal</td></tr> <tr><td>+ Suj</td></tr> <tr><td>- Plur</td></tr> </table>	+ Pron	I	+ Def	- Dem	+ Pessoal	+ Suj	- Plur	<p><i>me</i></p> <table border="1" style="margin: auto;"> <tr><td>+ Pron</td></tr> <tr><td>I</td></tr> <tr><td>+ Def</td></tr> <tr><td>- Dem</td></tr> <tr><td>+ Pessoal</td></tr> <tr><td>- Suj</td></tr> <tr><td>± OD</td></tr> <tr><td>- Plur</td></tr> </table>	+ Pron	I	+ Def	- Dem	+ Pessoal	- Suj	± OD	- Plur	<p><i>(...)mim</i></p> <table border="1" style="margin: auto;"> <tr><td>+ Pron</td></tr> <tr><td>I</td></tr> <tr><td>+ Def</td></tr> <tr><td>- Dem</td></tr> <tr><td>+ Pessoal</td></tr> <tr><td>- Suj</td></tr> <tr><td>- OD</td></tr> <tr><td>- Plur</td></tr> </table>	+ Pron	I	+ Def	- Dem	+ Pessoal	- Suj	- OD	- Plur	<p><i>(co)migo</i></p> <table border="1" style="margin: auto;"> <tr><td>+ Pron</td></tr> <tr><td>I</td></tr> <tr><td>+ Def</td></tr> <tr><td>- Dem</td></tr> <tr><td>+ Pessoal</td></tr> <tr><td>- Suj</td></tr> <tr><td>- OD</td></tr> <tr><td>- Plur</td></tr> </table>	+ Pron	I	+ Def	- Dem	+ Pessoal	- Suj	- OD	- Plur
+ Pron																																		
I																																		
+ Def																																		
- Dem																																		
+ Pessoal																																		
+ Suj																																		
- Plur																																		
+ Pron																																		
I																																		
+ Def																																		
- Dem																																		
+ Pessoal																																		
- Suj																																		
± OD																																		
- Plur																																		
+ Pron																																		
I																																		
+ Def																																		
- Dem																																		
+ Pessoal																																		
- Suj																																		
- OD																																		
- Plur																																		
+ Pron																																		
I																																		
+ Def																																		
- Dem																																		
+ Pessoal																																		
- Suj																																		
- OD																																		
- Plur																																		

3.4. Pronomes não-pessoais

Os pronomes substantivos não-pessoais têm como característica o fato de indicarem, não as pessoas do discurso, mas objetos (entes) relacionados com elas. Assim acontece na frase seguinte:

(47) Você rasgou *isso*. (O falante aponta um livro que está nas mãos do ouvinte).

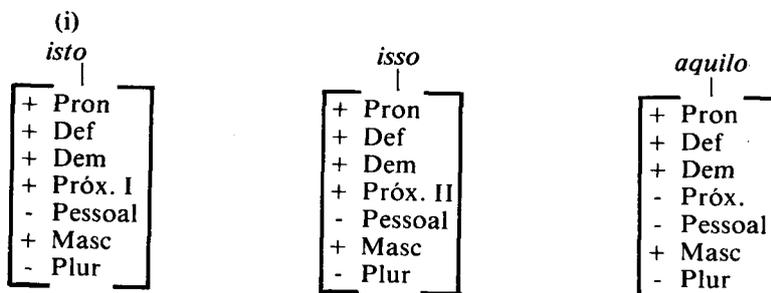
em que o pronome substantivo demonstrativo *isso* evoca, não o ouvinte, mas um objeto próximo ou nas imediações dele.

São pronomes que apresentam uma semelhança acentuada com os determinantes analisados em 3.2. Implicam as mesmas subclasses e alguns traços semânticos importantes dos referidos determinantes. Apenas diferem destes por encerrarem eles próprios conceitos substantivos atualizados, em lugar de situarem no discurso o conceito do substantivo que os acompanhe (como fazem os determinantes). Trazem a mais o traço semântico PESSOAL e são indiferentes à noção de PESSOA (ficam genericamente numa 3.^a pessoa neutra).

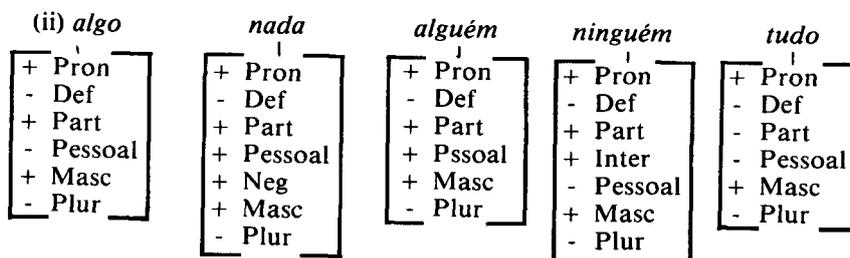
Levando em conta as quatro séries que os pronomes não-pessoais abrangem (demonstrativos, indefinidos, interrogativos e relativos), podemos formar as suas matrizes de traços. Antes ressaltemos que só os pronomes relativos distinguem função sintática.

(48)

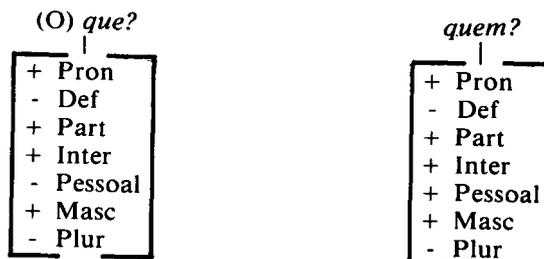
SÉRIE DEMONSTRATIVA



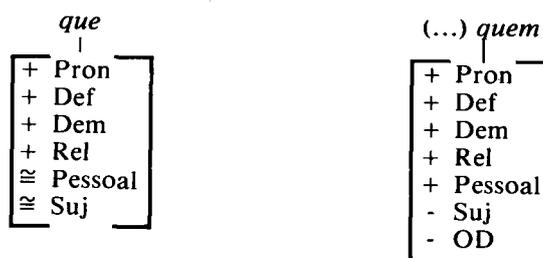
SÉRIE INDEFINIDA



(iii) SÉRIE INTERROGATIVA



(iv) SÉRIE RELATIVA



3.5. Advérbios pronominais

Como vimos na seção 3.1., os advérbios pronominais são pronomes substantivos que equivalem exclusivamente a sintagmas preposicionais (com a função de adjunto adverbial). Do ponto de vista semântico se assinalam pela presença em seu significado das categorias semânticas específicas ESPAÇO (LUGAR), TEMPO e MODO.

É inegável a semelhança entre os advérbios de *lugar* e os pronomes demonstrativos. Enquanto estes exprimem apenas posições de proximidade com as pessoas do discurso, os advérbios de lugar indicam os próprios locais de proximidade ou distância com elas. Assim, os advérbios de lugar incluirão o traço LOCATIVO em vez de DEMONSTRATIVO. O traço PROXIMIDADE será indicado para ambos:

(49) *aqui*

+ Pron
+ Def
+ Loc
+ Próx. I
- Suj.
- OD

aí

+ Pron
+ Def
+ Loc
+ Próx. II
- Suj.
- OD

lá

+ Pron
+ Def
+ Loc
- Próx.
- Suj.
- OD

Os advérbios de *tempo* trazem uma orientação para o discurso, que se manifesta de modo diferente. Podem indicar o tempo da falante (da enunciação) ou um momento afastado dele (antes ou depois).

Assim a categoria TEMPO, para estes advérbios, se especificará no de PROXIMIDADE (com a 1.^a pessoa). Se esta for negativa, deverá se desdobrar no traço de ANTERIORIDADE:

(50) *agora*

+ Pron
+ Def
+ Tempo
+ Próximo
- Suj
- OD

ontem

+ Pron
+ Def
+ Tempo
- Próximo
+ Anterior
- Suj
- OD

amanhã

+ Pron
+ Def
+ Tempo
- Próximo
- Anterior
- Suj
- OD

Os advérbios de *modo* (assim/como) se individualizam pelo traço MODO, que pode ser DEFINIDO no caso de *assim* e

INDEFINIDO para o interrogativo *como?*

(51)

assim

+ Pron
+ Def
+ Modo
- Suj
- OD

como?

+ Pron
- Def
+ Part
+ Modo
- Suj
- OD

CONCLUSÕES

(1) A semântica gramatical, campo onde se enquadra o estudo da significação dos pronomes, preocupa-se com o significado das palavras gramaticais (pronomes, preposições, conjunções), com a interpretação semântica dos mecanismos gramaticais (gênero, número, modo, tempo) e dos fenômenos sintáticos. Também se volta para análise das categorias semânticas gerais que compõem o significado das palavras lexicais.

(2) A natureza semântica dos pronomes os individualiza como *palavras de comunicação* por excelência. Sua função semântica básica é a de situar os conceitos materiais (léxicos) no universo do discurso.

(3) Dois são os tipos de referência que os pronomes apresentam: dêixis e anáfora. Dêixis é a relação entre um signo pronominal e a *função* que ele indica na situação de comunicação. Anáfora consiste na relação de co-referência em que um pronome retoma um *sintagma pleno* mencionado anteriormente no contexto, e ambos — sintagma pleno e sintagma pronominal — evocam um referente no plano do discurso.

(4) O significado de um pronome se analisa em diversas categorias semânticas *atualizadoras*, a saber: PESSOA (interlo-

cutores do discurso vs. objetos do discurso), DEFINIDADE (identificação de objetos por parte dos interlocutores), ESPAÇO (posições e pontos do espaço do discurso em relação com os interlocutores), TEMPO (tempo da enunciação e momentos do ponto de vista do falante), QUANTIFICAÇÃO (concepção dos objetos do discurso em termos de elemento, subconjunto e conjunto), PESSOALIDADE (distinção entre pessoas, seres humanos, e não-pessoas).

(5) As partículas pronominais se subdividem em três subclasses: determinantes, pronomes substantivos e advérbios pronominais. Os determinantes atualizam nomes ou substantivos (colocam-nos sob a perspectiva do discurso). Caracterizam-se pela oposição entre DEFINIDO e INDEFINIDO.

Os pronomes substantivos ocupam a casa estrutural de sintagmas (nominal, preposicional, adjetivo e oracional). Os pronomes pessoais se assinalam pela noção de PESSOA (e FUNÇÃO SINTÁTICA). Os pronomes não-pessoais, semanticamente, guardam semelhança com os determinantes.

Os advérbios pronominais são pronomes substantivos com função específica: equivalem a sintagmas preposicionais (com a função de adjunto adverbial). São marcados pelos traços semânticos de LUGAR (LOCATIVO), TEMPO e MODO.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CARVALHO, N.F. de — *A formação do sintagma nominal do nome como base para a determinação do gênero em português*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1980. (Tese — doutoramento).
2. CHOMSKY, N. — *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge, Mass., The MIT Press, 1965.
3. GRUBER, J.S. — *Lexical structures in syntax and semantics*. Amsterdam, North-Holland Publishing, 1976.
4. JAKOBSON, R. *et alii* — *Preliminars to speech analysis*. Cambridge, Mass., The MIT Press, 1963.
5. KATZ, J. & FODOR, A., eds. — Analyticity, and contradiction in natural language. In: —. *The structure of language: readings in the philosophy of language*. Englewood Cliffs, New Jersey, Prentice-Hall, 1964. p. 519-43.
6. MILNER, J.C. — *De la syntaxe à la interprétation: quantités, insultes, exclamations*. Paris, Éditions du Seuil, 1978.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- BERRUTO, C. — *La semantica*. México, Nueva Imagem, 1979.
- BORBA, F. da S. — *Introdução aos estudos lingüísticos*. São Paulo, Nacional, 1970.
- BORBA, F. da S. — *Pequeno vocabulário de lingüística moderna*. São Paulo, Nacional, 1976.
- BREKLE, H.E. — *Semântique*. Paris, Armand Colin, 1974.
- CÂMARA Jr., J.M. — *Dicionário de lingüística e gramática*. 7. ed. Petrópolis, Vozes, 1977.
- CÂMARA Jr., J.M. — *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis, Vozes, 1970.
- CÂMARA Jr., J.M., — *Princípios de lingüística geral*. 4.ed. rev. e aum. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1964.
- CAUSSAT, P. *et alii* — *La lingüistique*. Paris, Larousse, 1977.
- CUNHA, C.F. da — *Gramática da língua portuguesa*. 7.ed. Rio de Janeiro, FENAME, 1980.
- DUBOIS, J. *et alii* — *Dictionnaire de linguistique*. Paris, Larousse, 1973.
- DUBOIS-CHARLIER, F. — *Bases de análise lingüística*. Coimbra, Almedina, 1976.
- DUCROT, O. — *Princípios de semântica lingüística*. São Paulo, Cultrix, 1977.
- FAUCONNIER, G. — *La coréférence: syntaxe ou sémantique?* Paris, Ed. Seuil, 1974.
- GALMICHE, M. — Quantificateurs, référence et theorie transformationnelle. *Langages*, 48:3-49, déc., 1977.
- GROSS, M. — Quelques sources transformationnelles de formes pronominales. *Langue Française*, 57:43-59, fév., 1983.
- GUERON, J. — Relations de coréférence dans la phrase et dans le discours. *Langue Française*, 44:42-79, déc., 1979.
- GUIRAUD, P. — *A semântica*, São Paulo, DIFEL, 1975.
- JAKOBSON, R. — *Fonema e fonologia*. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1967.
- JAKOBSON, R. — *Seis lições sobre o som e o sentido*. Lisboa, Moraes Ed., 1977.
- KATO, M.A. — *semântica gerativa e o artigo definido*. São Paulo, Ática, 1974.
- KEMPSOON, R. — *Teoria semântica*. Rio de Janeiro, Zahar, 1980.
- LEECH, G. — *Semântica*. Madrid, Aliança Editorial, 1977.
- LIMA, C.H. da R. — *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1972.
- LOBATO, L.M.P., org. — *A semântica na lingüística moderna: o léxico*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977.
- LOPES, E. — *Fundamentos da lingüística contemporânea*. São Paulo, Cultrix, 1976.
- LYONS, J. — *Éléments de sémantique*. Paris, Larousse, 1978.
- LYONS, J. — *Introdução à lingüística teórica*. São Paulo, Nacional/EDUSP, 1979.
- LYONS, J. — *Semântica estrutural*. Lisboa, Editorial Presença, 1974.
- LYONS, J. — *Sémantique linguistique*. Paris, Larousse, 1978.
- LYONS, J., org. — *Novos horizontes em lingüística*. São Paulo, Cultrix/EDUSP, 1976.
- MAILLARD, M. — Essai de typologie des substituts diaphoriques. *Langue Française*, 21:55-71, fév., 1974.
- MARQUES, M.H. — *Estudos semânticos*. Rio de Janeiro, Grifo, 1976.
- MILNER, J.C. — Réflexions sur la référence. *Langue Française*, 30:63-73, mai, 1976.
- PINTO, M.J. — *Análise semântica das línguas naturais: caminhos e obstáculos*. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1977.
- POTTIER, B. — Sur la formulation des modalités en linguistique. *Langages*, 43:39-46, sep., 1976.
- RECTOR, M. *et alii* — *Manual de semântica*. Rio de Janeiro, Ao livro Técnico, 1980.
- RIEDEL, D. *et alii* — *Literatura brasileira em curso*. Rio de Janeiro, Bloch Ed., 1968.
- SILVA, I. A. da — *A dêixis pessoal*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1972. (Tese — Doutoramento).

CARVALHO, N.F. de — Semântica gramatical: a significação dos pronomes. *Alfa*, São Paulo, 28:43-62, 1984.

ULLMANN, S. — *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, 1967.

ZALAWSKY, D. — Pronoms personnels, performatifs et actes de langage. *Langue Française*, 43:48-59, mai, 1979.